



RELATO DE UMA VIVÊNCIA NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA NOVA ESPERANÇA DO MUNICÍPIO DE TAIÓBEIRAS/MG¹

*Report of a firsthand experience at the Agricultural Family School Nova
Esperança in Tabaoeirás / MG*

COSTA, Karina²

GREGÓRIO, Sandra Regina³

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo observar e vivenciar a rotina dos funcionários e jovens que estudam na Escola Família Agrícola Nova Esperança e entender a importância da mesma para suas vidas e para a região. É uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando para isto o método da observação participante, bem como análise documental e conversas informais com os sujeitos da pesquisa. Assim, iremos relatar um breve histórico do surgimento das EFAs no Brasil, em Minas Gerais e na região do Alto Rio Pardo. Em sequência, abordar sobre a pedagogia da alternância, metodologia utilizada pelas EFAs, que é uma forma de proporcionar aos jovens que vivem na zona rural uma educação de qualidade, valorizando os aspectos culturais, sociais, comunitários e políticos. Por fim, faremos um relato de uma vivência na EFA Nova Esperança, situada no município de Taiobéiras, microrregião do Alto Rio Pardo de Minas Gerais, onde destacaremos o apoio desta Escola Família Agrícola para o desenvolvimento do conhecimento e habilidades desses alunos, contribuindo para que ao final do curso eles estejam capacitados e aptos a entrar tanto no mercado de trabalho, como também conscientes da importância de sua permanência em suas regiões, tornando-se assim referências e apoio para o crescimento e fortalecimento da agricultura familiar da região.

Palavras-chave: Educação do campo. Pedagogia da alternância. Vivência pedagógica.

ABSTRACT

This study aimed at observing and experiencing the routine of workers and young people who study at the Agricultural Family School Nova Esperança to understand its importance in their lives and in the region. It is a qualitative research, utilizing the participant observation method, as well as document analysis and informal conversations with research subjects. In this sense, we will report a brief history about the beginning of Agricultural Family Schools (EFAs) in Brazil, in Minas Gerais and in the Alto Rio Pardo region. Next, we will address the pedagogy of alternation, methodology utilized by the EFAs, it is a way of providing access to quality education to young people living in rural areas, valuing cultural, social, community and political aspects. Finally, we will report on the firsthand experience at the AFS Nova Esperança, located at the Taiobéiras Township, micro-region of the Alto Rio Pardo in Minas Gerais. We will highlight the support from the Agricultural Family School to the development of knowledge and skills of its students, enabling the students to leave school qualified to join the job market, and conscious of the importance of residing in their regions, becoming reference and support for the growth and strengthening the region's family agriculture.

Keywords: Rural education. Pedagogy of alternation. Pedagogical experience.

¹ Este artigo é resultado de um estágio pedagógico realizado em 2019 e 2020 como requisito para o Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduação em Administração pela Universidade do Norte do Paraná. Servidor Técnico Administrativo do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. E-mail: karina_c@outlook.com.br.

³ Professora titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Ciência de Alimentos pela UNICAMP. Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UFRRJ. E-mail: gregorio.sandra@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Educação do Campo sugere uma matriz de formação que não está centralizada apenas no conhecimento cognitivo, mas em inserir o contexto da vida do educando ao ensino e o relacionar com a realidade destes alunos.

A ideia de criar uma Escola Família Agrícola (EFA) na região do Alto do Rio Pardo começou em 2008, quando as famílias que moravam na zona rural desta região não estavam satisfeitas de que seus filhos tivessem que se deslocar para a zona urbana para ter acesso à escola. Assim, surgiu a demanda da necessidade da criação de uma escola com um modelo diferente de ensino e que desse a oportunidade para esses jovens de cursar o ensino médio e se profissionalizarem simultaneamente.

A partir disso, começaram a discussões sobre o tema e assim surgiu a necessidade da criação de uma associação dos moradores da região para que esse sonho pudesse se concretizar. Entre os anos de 2007 e 2009 foram realizados os trabalhos de articulação entre as instituições para a implantação da EFA Nova Esperança, com destaque para a atuação e assessoria da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas de Minas Gerais – AMEFA.

Em 27 de janeiro de 2011 a Associação Escola Família Agrícola do Alto Rio Pardo - AEFARP foi efetivamente criada, dando início à organização da documentação escolar para criação e administração da EFA Nova Esperança. As atividades da escola se iniciaram no dia 16 de abril de 2012, contando com 73 estudantes e oito funcionários, ofertando o ensino médio integrado ao curso técnico profissionalizante em Agropecuária.

O município de Taiobeiras foi escolhido como sede da escola por estar localizado em posição geográfica central no território,

[...] e pela disponibilidade política do prefeito da época em tomar o município uma referência na região. Além disso, foi a única prefeitura disposta a contribuir com a contrapartida do projeto, o que envolveu o serviço de infraestrutura e legalização do terreno” (SANTOS, 2017, p.24).

Como destacam Queiroz e Silva (2007) a formação que é desenvolvida nas EFAs buscam a reflexão, a valorização e a promoção de propostas de resistência e intervenção na sociedade, por meio da atuação dos jovens envolvidos pela articulação com o desenvolvimento humano e social, visando a melhoria das condições materiais dos jovens e suas famílias e a conseqüente transformação da realidade no campo.

Segundo a Secretaria Executiva da União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil – UNEFAB, 19 mil jovens estavam matriculados em EFAs e em Casas Familiares Rurais - CFRs em 2016 com a atuação de 1.862 educadores, abrangendo 1.382 municípios em todo o país. Estima-se que 71.888 famílias foram beneficiadas, sendo 359.440 pessoas de forma direta e 1.780 milhões indiretamente. E ainda, através de um estudo de caso foi relatado que 65% dos jovens egressos permanecem no campo ou vinculados às atividades agropecuárias (UNEFAB, 2007).

Este artigo tem por objetivo fazer uma breve abordagem sobre o surgimento das EFAs no Brasil e no estado de Minas Gerais, com destaque para a EFA Nova Esperança, que é localizada no município de Taiobeiras/MG, bem como relatar a sua relevância para os alunos da região do Alto do Rio Pardo através de um período de vivência com os mesmos.

BREVE HISTÓRICO DAS EFAS NA REGIÃO DE MINAS GERAIS

O projeto das Escolas Família Agrícola surgiu na França, em 1935, por iniciativa de líderes católicos e hoje este modelo de escola já se encontra espalhado no mundo todo.

Os caminhos da Educação Rural no Brasil se iniciaram na década de 1930, paralelamente ao início da industrialização, que foi responsável por gerar um processo de intenso êxodo rural e crescente urbanização da população. Ela nasce marcada pelo discurso de que o campo deveria ser modernizado e da necessidade de adaptar o camponês e suas práticas, sinônimo de atraso, aos novos padrões de agricultura que dariam suporte ao novo modelo industrial (SANTOS, 2017).

Para a pesquisadora Cláudia Passador (2006) esta origem da concepção de Educação Rural no Brasil, se deu em 1889 com a Proclamação da República, mas só se constitui como educação pública efetivamente nacional nos anos 30 após a criação do Ministério da Educação (PASSADOR, 2006).

Em 1947 a nova Constituição Brasileira propôs que a Educação Rural fosse transferida para a responsabilidade de empresas privadas. A partir disso a educação brasileira incorporou uma matriz curricular urbanizada e industrializada, passando a representar os interesses sociais, culturais e educacionais das elites brasileiras. Assim, podemos observar o descaso histórico do estado brasileiro no que tange o plano educacional para as comunidades rurais, o que veio a provocar altos índices de analfabetismo e baixo nível de escolaridade (PINHEIRO, 2011). Neste período metade da população vivendo no campo era constituída por analfabetos, em sua maioria “pauperizada por um sistema social marcado pela desigualdade e pela opressão” (WEFFORT, 1967, p. 10).

Em 1998 a partir da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, a expressão Educação Rural passou a ser substituída pela Educação do Campo. Nesta Conferência também foi assumido o compromisso de “mobilização da sociedade e de órgãos governamentais em prol de políticas públicas que garantem o direito à educação para a população do campo” (ANDRADE e, DI PIERRO, 2004, p. 22).

No estado de Minas Gerais, o primeiro registro sobre escola rural aconteceu em 13 de agosto de 1892, através da lei estadual nº 41, que definia as especificidades no currículo escolar rural, o tornando menos complexo e mais prático, além de apresentar uma política de melhoria das instalações físicas das escolas que só abrangiam aquelas figuradas em regiões tidas como urbanas e também estabelecia que os salários dos professores das escolas rurais fossem menores. Musial (2011) relata em seu trabalho como era a realidade dos inspetores em visitas às escolas rurais e afirma que geralmente essas escolas funcionavam nas próprias casas dos professores, com uma infraestrutura em péssimo estado, além da ausência quase total de material didático e mobiliário. Para a pesquisadora, foi construída uma ideia pela população de que a escola rural era “precária, decadente, arcaica, isolada, miserável e não merecedora de investimento do governo do estado”, e por isso, não poderia ser considerada e nem estar inserida como um grupo escolar (MUSIAL, 2011, p. 258).

As EFAs em Minas Gerais são organizadas através da Associação Mineira das Escolas Família Agrícola (AMEFA), que foi criada em 24 de julho de 1993 e tem o objetivo de promover, coordenar e representar as EFAs em âmbito estadual. O surgimento da primeira EFA em Minas Gerais foi no município de Muriaé entre 1983 e 1984 (BEGNAMI, 2018).

Hoje existem ao todo 21 EFAs atuantes em todas as regiões do Estado, como podemos ver no quadro 1, com destaque para a EFA Nova Esperança, localizada no Norte do estado e objeto de estudo deste artigo (FREITAS, 2015, p.145).

Quadro 1- Escolas Família Agrícolas no estado de Minas Gerais

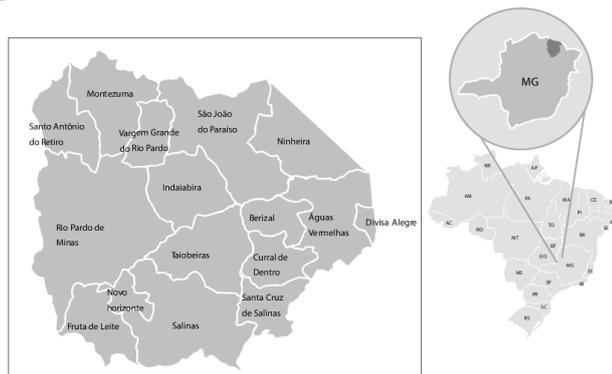
REGIÃO	MUNICÍPIO	EFA	ANO FUNDAÇÃO
ALTO JEQUITINHONHA	Veredinha	EFA de Veredinha	2011
	Simonésia	EFA ME Margarida Alves	2014
	Conceição Ipanema	EFA fund. Margarida Alves	2009
	Araponga	EFA Puris	*
	Acaiaca	EFA Paulo Freire	2004
	Sem Peixe	EFA de Camões	1994
	Jequeri	EFA de Jequeri	2002
ZONA DA MATA	Ervália	EFA Serra do Brigadeiro	2007
MÉDIO E BAIXO JEQUITINHONHA	Virgem da Lapa	EFA V. da Lapa	1990
	Araçuaí	EFA Araçuaí	2009
	Itinga	EFA de Jacaré	1994
	Itaobim	EFA Bontempo	2001
	Comercinho	EFA Vida Comunitária	2002
	Jequitinhonha	EFA Renascer	*
MUCURÍ	Itaipé	EFACIL	2014
	Malacacheta	EFASET	2013
NOROESTE	Natalândia	EFA de Natalândia	2007
NORTE	São Francisco	EFA Tabocal	2005
	Taiobeiras	EFA Nova Esperança	2012
SUL	Cruzília	EFA de Cruzília	2006
VERTENTES	Catas Ag. da Noruega	EFA Dom Luciano	2014
TOTAL		21 EFAS	

Fonte: (FREITAS; SANTOS, 2015)

*Dados não encontrados

O Território Alto Rio Pardo, microrregião localizada no Norte de Minas Gerais, é composto atualmente por 16 municípios: Águas Vermelhas, Berizal, Curral de Dentro, Fruta de Leite, Indaiabira, Montezuma, Ninheira, Novorizonte, Rio Pardo de Minas, Rubelita, Salinas, Santa Cruz de Salinas, Santo Antônio do Retiro, São João do Paraíso, Taiobeiras e Vargem Grande do Rio Pardo (figura 1).

Figura 1- Municípios que compõe o território Alto Rio Pardo



Fonte: Vieira (2017)

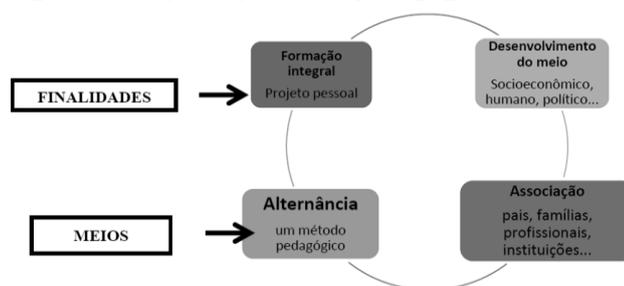
O território possui uma área total de 16.447,35 km², abrangendo uma população de 192.165 habitantes, sendo que 33.142 destes vivem em situação de extrema pobreza segundo o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. O mesmo ainda conta com 45% de sua população vivendo no campo, segundo o Sistema de Informações Territoriais do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, e 16.097 estabelecimentos de agricultura familiar com 45.090 pessoas ocupadas nessa atividade (IBGE, 2010).

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A primeira região do país a receber a Pedagogia da Alternância, trazida por imigrantes italianos, foi o sul do Espírito Santo, na década de 1960, em plena Ditadura Militar (1964 – 1985). Entre eles estava o jovem sacerdote católico Pe. Humberto Pietrogrande, que passou a se articular com os agricultores e entidades locais, contribuindo muito para que nascesse um movimento transformador de educação do campo, que não ficou só no Brasil, mas também teve influência e se espalhou para outros países da América do Sul (JESUS, 2011).

A formação através da pedagogia da alternância se estrutura em quatro grandes pilares, que podem ser observados abaixo na figura 2. Quanto aos meios: a gestão é desempenhada por uma associação de agricultores e a metodologia utilizada é a pedagogia da alternância. Quanto aos fins: uma formação integral para duas gerações: pais e filhos e o compromisso com o desenvolvimento econômico e social local.

Figura 2- Os quatro pilares da pedagogia da alternância



Fonte: Calvó (2005) apud Gimonet (2007).

Segundo a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - UNEFAB (2011), a Pedagogia da Alternância, está embasada no princípio de que a vida ensina mais que

a escola, por isso o tempo escolar é alternado e integrado com o tempo familiar. A Pedagogia da Alternância acredita na experiência coletiva como elemento da verdadeira aprendizagem, uma aprendizagem crítica e dialética. É uma proposta que tem por base a socialização do saber, a valorização da cultura popular, o diálogo para um aprofundamento científico e aprimoramento de todos esses saberes com o objetivo de que haja uma efetiva transformação do meio.

Ao chegar à sala de aula, os alunos já trazem consigo uma bagagem de conhecimentos prévios sobre a natureza em geral, resultantes das suas próprias relações com a natureza, sejam elas por curiosidade ou necessidade. Esses conhecimentos vêm das relações que o sujeito constitui ao longo da vida, de acordo com o meio social e cultural em que vive e estão relacionados à influência familiar, religiosa, política, econômica, intelectual, entre outras.

Freire (1987) reforça ainda que a identidade cultural do aluno é constituída por suas experiências do cotidiano. Assim, independentemente de sua condição social e econômica, o meio em que ele vive exerce influência em seus conhecimentos iniciais, mesmo que tenham alguma base científica, pois são conhecimentos que ele já possui ao chegar à escola.

O ensino médio integrado à formação profissional deve provocar o entendimento crítico de como funciona e se organiza a sociedade humana em suas relações sociais. Tal requisito é indispensável para formar “sujeitos emancipados, criativos, leitores críticos da realidade em que vivem e com condições de agir sobre ela. Este domínio também é condição prévia para compreender e poder atuar com as novas bases técnico-científicas do processo produtivo” (FRIGOTTO, 2012, p. 76).

A Pedagogia da Alternância é sustentada pela necessidade e desejo da relação integração entre escola, família e comunidade. Ela tem sido utilizada em sua essência em várias experiências na Educação do Campo, visando à efetivação de um projeto formativo vinculado às suas raízes (CALDART, 2011). A autora também apresenta a divisão estabelecida pela pedagogia da alternância em Tempo Escola e Tempo Comunidade.

A Pedagogia da Alternância é composta por vários instrumentos pedagógicos. Em seu plano de formação é organizado a programação do ano letivo em conteúdos vivenciais. Este é construído coletivamente através da escuta dos educandos, famílias e comunidades, sendo a equipe pedagógica responsável por planejar para que seja colocada em prática a formação subsidiada em tal debate. Estes instrumentos pedagógicos são: caderno da realidade, caderno didático, visitas de estudo, intervenções externas, estágios, caderno de acompanhamento, projeto profissional do jovem, visitas às famílias e a avaliação, citados por Queiroz (2004).

As seções de Alternância são guiadas por Planos de Estudos (PE), elaborados coletivamente, sendo cada um com uma temática diversa, temas geradores articulados entre si para compor o Plano de Formação (GIMONET, 2007). É através do plano de estudo que o aluno pode problematizar sua realidade para poder atuar nela. Uma atividade fundamental no desenvolvimento do Plano de Estudo é a Colocação em Comum, em que os estudantes “[...] depois de terem observado, dialogado e sintetizado por escrito, tem a possibilidade de expor, no espaço escolar, para os colegas e os monitores, a síntese sobre o tema do PE” (QUEIROZ, 2004, p.135). Esse procedimento é a socialização da sua ação investigativa e pesquisadora em casa. Assim, é papel dos

monitores, além de fomentar esse debate, organizar as aulas para que elas contemplem os desafios apresentados.

Complementando o processo, ainda acontecem visitas de estudo com atividades fora da escola ou de caráter interventivo, as quais “[...] propiciam aos jovens descobertas de realizações, de empreendimentos, de organismos, de serviços, de lugares... e oportunidades de encontro com seus atores... [...]” (GIMONET, 2007, p.47). Visitas externas também são comuns e recomendadas para compor o debate sobre as temáticas dos Planos de Estudos, propiciando ao aluno um conhecimento prático, no qual um parceiro da escola é convidado para contribuir na formação.

O Plano de estudo é concluído com a atividade de retorno, que é o momento em que o aluno deve envolver sua comunidade de origem no que está sendo aprendido por ele. Geralmente é desenvolvido uma campanha, palestra, aplicação prática ou outro tipo de intervenção na sociedade. Então é muito importante que os espaços e tempos de formação estejam articulados e em movimento para que o processo de aprendizagem ocorra de maneira satisfatória.

Outro aspecto pedagógico fundamental na experiência das EFAs é a convivência entre os próprios alunos, os sujeitos do processo, que além de compartilharem a intensa rotina escolar e de internato, são motivados a fazerem todas as atividades e trabalhos em equipe, seguindo regras e horários determinados pela escola (QUEIROZ, 2004).

Ao iniciar os estudos na EFA, o jovem também é orientado a planejar o seu Projeto Profissional do Jovem, o PPJ, sendo que este deve ser alimentado pelos estudos que serão desenvolvidos durante os três anos de formação, com o objetivo de articular e facilitar a entrada dos jovens no mercado de trabalho e gerar renda para seu sustento. Por fim, ao final dos 3 anos de curso, o PPJ é avaliado por uma banca e sua aprovação é requisito para a conclusão do curso (FREITAS; SANTOS, 2015).

RELATO DA VIVÊNCIA NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA NOVA ESPERANÇA

Foi realizada uma vivência na EFA Nova Esperança, localizada na rodovia MG 404, km 07, Comunidade Matrona, município de Taiobeiras-MG, por um período de 10 dias de observação, com acompanhamento das atividades da escola, participando/observando a rotina escolar, com o intuito de compreender a realidade e proposta educacional de uma Escola Família Agrícola.

A escola foi criada em 2012 para atender as demandas da zona rural da região do Alto Rio Pardo por iniciativa dos sindicatos e famílias da região. Atualmente atende jovens de 09 municípios da região.

A vivência na EFA Nova Esperança foi dividida em duas partes.

A primeira parte foi realizada em dezembro de 2019, quando foi possível estar presente durante a quinzena das turmas de segundo e terceiro ano. Durante esses dias foi realizado o acompanhamento das atividades de rotina dos alunos e a chegada deles à EFA para iniciar o período de vivência na escola. A segunda parte da vivência na EFA Nova Esperança foi realizada em janeiro de 2020, onde foi observado o período de adaptação dos alunos do primeiro ano, período este que também é utilizado como uma das etapas de seleção para o ingresso na escola.

A Escola Família Agrícola Nova Esperança conta com uma ótima infra-estrutura, capaz proporcionar aos alunos um amplo espaço de aprendizagem teórica e prática. A escola

possui uma área administrativa e pedagógica, um alojamento masculino, um alojamento feminino, um alojamento dos monitores, duas salas de aula, uma agroindústria, um refeitório, uma quadra esportiva, áreas de convivência, áreas de criação animal e áreas de produção vegetal.

Uma característica muito marcante da escola é o cuidado que funcionários e alunos têm em manter a escola sempre bonita e com um ambiente agradável, com os jardins e canteiros sempre limpos e podados.

A principal fonte de recursos da EFA Nova Esperança é repassada anualmente pelo governo estadual, quando a Secretaria Estadual de Educação elabora uma resolução com o recurso para o ano letivo em vigor, que é estabelecido de acordo com um valor per capita dos alunos matriculados. Como a escola é uma instituição comunitária, que funciona com financiamento participativo, ela conta ainda com a colaboração de R\$ 50 reais (cinquenta reais) mensais por aluno em dinheiro, recursos ou serviços. Os sindicatos que estão diretamente envolvidos também são responsáveis por um recurso de R\$ 2.400,00 (dois mil e quatrocentos reais) que deveria ser mensal, mas atualmente é esporádico. A prefeitura de Taiobeiras também contribui custeando algumas despesas e reparos e, no ensejo de sua construção, também fizeram a doação do terreno. Algumas prefeituras, com mais relevância como a de Rio Pardo de Minas, por sua vez, se responsabilizam pelo transporte dos alunos (SOUZA, 2019).

Atualmente, a escola possui 13 funcionários fixos, sendo 05 administrativos e 08 professores, além de 04 professores externos, que vão à escola somente no horário de suas aulas e dão suporte aos professores internos. Quanto ao número de alunos, segundo o censo escolar de 2019, estavam matriculados na escola 96 alunos, sendo 37 do primeiro ano, 12 do segundo ano e 47 do terceiro ano, que por sua vez teve que ser dividido em duas turmas para que o processo de ensino não ficasse prejudicado devido ao grande número de alunos em uma mesma turma (BRASIL, 2019).

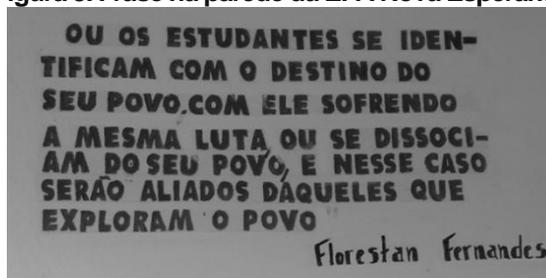
O calendário anual da EFA Nova Esperança está atualmente organizado em 213 dias letivos, contando com uma semana de adaptação, e 10 sessões escolares de doze dias cada, desconsiderando sábados e domingos. Os alunos são divididos em dois grandes grupos para intercalar as quinzenas: um grupo com alunos do primeiro ano e outro grupo com alunos do segundo e terceiro ano. Estes grupos se intercalam entre 18 dias em casa, que caracterizam os tempos comunidade e 12 dias na sede da EFA, que é o tempo escola (SOUZA, 2019).

Destaca-se a importância da integração entre comunidade e escola para que os jovens adquiram formação prática e visão para atuação e intervenção transformadora em seus espaços, colocando em prática nas suas casas tudo o que é aprendido durante os tempos de vivência na escola. A intensa convivência em regime de internato, com atividades divididas entre os três turnos e divisão das tarefas para organização de todos os espaços da escola e realização das atividades colaboram para o desenvolvimento das afinidades de convivência.

A EFA tem a clara intenção de formar cidadãos politicamente instruídos e capacitados para ocupar seus espaços de reivindicação como associações, sindicatos e cargos públicos para a construção coletiva e efetivação de políticas públicas que contemplem as necessidades do território. Na figura a seguir (figura 3), pode-se visualizar uma das várias frases de referência que estão pintadas nas paredes da escola que ilustram a proposta político pedagógica e caracterizam a militância presente nas EFAs. Esta, em especial, do ano de 1997, é do autor Florestan Fernandes (1997), sociólogo e político

brasileiro, que em sua vida se concentrou na pesquisa e interpretação das condições e possibilidades das transformações sociais, tendo a revolução social como um de seus temas mais frequentes. Para o autor, a educação deveria ser laica, gratuita e libertadora.

Figura 3. Frase na parede da EFA Nova Esperança



Fonte: Acervo da autora Karina Costa (2019)

A matriz curricular do curso de ensino médio integrado ao técnico em agropecuária está elaborada de acordo com a Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, aprovada em 22 de fevereiro de 2019 (BRASIL, 1996) e atualizada pela resolução n.º 3, de 21 de novembro de 2018 (BRASIL, 2018).

Para garantir a uniformidade do ensino em todo o território nacional, o Ministério da Educação elaborou a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que é um

[...] documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica que tem por finalidade a construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores (BRASIL, 2017, p.7).

Com base nestas diretrizes, a matriz curricular da EFA Nova Esperança é composta pelas seguintes disciplinas: Linguagens, códigos e suas tecnologias que compreende as disciplinas de Língua portuguesa, Educação física e Artes. Ciências da natureza, Matemática e suas tecnologias que compreendem as disciplinas de Geografia, História, Filosofia, Sociologia. Ciências da natureza, Matemática e suas tecnologias que compreende as disciplinas de Matemática, física, Química e Biologia.

As demais disciplinas são dedicadas à parte profissionalizante. No primeiro ano do curso são: Fundamentos da agroecologia, Fundamentos da agricultura e pecuária, Solos, Gestão rural, Topografia e instalações rurais e Agroindústria I.

No segundo ano são: Mecanização agrícola, Sistema integrado de produção vegetal I, Administração e economia rural, Agroindústria II, Sistema integrado de produção animal I e Manejo fitossanitário.

No terceiro ano são: Sistema integrado de produção vegetal II, Empreendedorismo, Sistema integrado de produção animal II, Manejo da biodiversidade e sistemas agroflorestais, Gestão de recursos hídricos no semiárido e Legislação e políticas públicas para agricultura familiar.

Na parte diversificada, que é comum aos três anos, tem as disciplinas de informática e Língua inglesa. Ainda comum aos três anos, os alunos possuem no currículo a parte dos instrumentos pedagógicos, que consistem no plano de estudo, Caderno da realidade e Prática na família/estágio.

As disciplinas ministradas na escola totalizam uma carga horária de 900 h/ano. Para a complementação da carga horária, os alunos recebem trabalhos que devem ser

realizados no período em que estiverem em suas casas. Estes trabalhos são chamados de Prática na família/comunidade, onde eles devem desenvolver trabalhos e projetos que irão contribuir de alguma forma para o crescimento da sua comunidade, bem como melhorar a realidade do local em que vivem.

Neste período de vivência, também foi possível fazer um acompanhamento das aulas práticas, que são realizadas diariamente logo após término das aulas teóricas. Como integração à formação profissional, os alunos têm aulas nas grandes temáticas de Agricultura, Zootecnia e Agroindústria. A escola se esforça ao máximo para conseguir produzir os alimentos que serão consumidos nas refeições.

A EFA possui na unidade de zootecnia criações de frangos e suínos para consumo da carne e de bovinos para abastecimento de leite. Os suínos inicialmente foram doados pela prefeitura de Taiobeiras, juntamente com a doação do terreno para construção da escola. Após o início de suas atividades, a escola conseguiu financiamento através do projeto Bem Diverso, que é uma parceria entre a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que conta com recursos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF). Com esta parceria foi possível fazer a aquisição de bovinos e aves, além da construção da infra estrutura necessária para recebê-los, como curral, postura e suinocultura.

A escola também conta com uma agroindústria, que é responsável por todas as atividades de transformação e beneficiamento dos produtos de origem agropecuária animal ou vegetal, como produção de embutidos, queijos, farinhas, doces, panificação, dentre outros (IPEA, 2013). Quando há excedentes e surgem demandas externas, a escola faz a comercialização desses produtos e o valor arrecadado é utilizado para compra de insumos que não são produzidos no local.

Neste modelo de escola, o professor também é chamado monitor. Estes profissionais estão diretamente ligados à formação do jovem/aluno, não atuando somente na sala de aula ministrando os conteúdos, mas participando das diversas atividades educativas que a experiência em alternância proporciona, posicionando-se como um educador em tempo integral.

Os funcionários da parte administrativa da EFA Nova Esperança também contribuem com os professores na orientação e monitoramento das aulas práticas. Para isto, os horários da EFA são bem organizados e cumpridos com rigor. Os alunos são divididos em grupos e em cada quinzena um grupo fica responsável pela gestão e execução das atividades da escola.

Durante a vivência também foi possível participar como banca avaliadora das apresentações do PPJ - Projeto Profissional do Jovem, que é um dos requisitos necessários para a conclusão do curso. Os temas escolhidos pelos jovens foram muito variados, como produção de cocadas, produção de tempero, construção de uma agroindústria, criação de suínos, produção de mandioca, etc. Todos esses projetos são elaborados desde o início do curso com o objetivo de serem transformados em realidade na própria comunidade do aluno e têm como objetivo ser um fator de crescimento profissional e geração de renda para a família ao concluírem o curso de formação técnica na EFA.

Quanto ao ingresso na escola, o aluno deverá fazer a inscrição e passar por algumas etapas de seleção, que são: prova escrita, visita à família e entrevista. A etapa da entrevista é realizada após o aluno ficar na escola por uma semana de adaptação, onde

irá conhecer a rotina da escola e saber se tem o perfil para ser um aluno da EFA. Nesta semana os alunos vivem um pouco de como é a rotina da escola de um modo geral, passando por todos os setores durante as práticas.

No primeiro dia da semana de adaptação da turma do primeiro ano do ensino médio do ano de 2020, compareceram 35 alunos, dos 60 que haviam se inscrito, na faixa etária média de 15 anos. A primeira desistência já aconteceu ao final do primeiro dia. Ao perceber o pequeno número de alunos, o diretor da EFA decidiu ligar para as famílias dos que não compareceram para verificar o motivo de sua ausência na semana de formação. Algumas famílias relataram que tiveram problemas com o transporte, uma vez que as prefeituras de suas cidades não mandaram o carro como haviam combinado, enquanto outras relataram que decidiram não mandar os filhos para estudar fora de casa.

Durante toda a semana, os professores/monitores fizeram atividades com o intuito de deixar os alunos mais à vontade e também conhecer mais sobre a EFA, sobre o curso em agropecuária, a educação do campo, além de mostrar as portas que esta experiência poderia abrir para eles. A formação na Pedagogia da Alternância dialoga com a figura do monitor, que é responsável pela formação alternada, pois este não é apenas um docente na sua formação tradicional, mas um formador que exerce múltiplos papéis, essenciais na interseção dos componentes da pedagogia da alternância. A alternância, nesse sentido, oferece aos estudantes inúmeras possibilidades de mudanças, intensamente (re)vividas na estreita relação entre escola, comunidade e apoio familiar (GIMONET, 2007).

As atividades desta semana de adaptação foram realizadas em forma de oficinas, iniciando com músicas com temas voltados para a Educação do Campo. Uma das músicas ensinadas para os alunos foi a canção “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação do campo é direito e não esmola”, do autor Gilvan Santos. Esta canção pode expressar o sentido da luta que os movimentos sociais do campo vêm travando por uma educação que dialogue com a realidade dos povos do campo e com um projeto de desenvolvimento sustentável, socialmente justo, capaz de proporcionar a permanência do jovem no meio rural (TEDESCO, 2018, p.391).

Vale destacar nesta semana uma importante observação em relação à vontade de estudar na EFA expressada por um aluno que estava em fase final de tratamento de leucemia e, por isso, não podia realizar todas as práticas, principalmente as que exigiam ficar muito tempo no sol e fazendo muito esforço. Mesmo com suas condições limitadas, ele ficou até o final da semana e se mostrou muito esperançoso de que iria conseguir uma vaga para estudar na EFA. Em seu relato, ele afirmou que gostou muito da EFA “[...] por estarem dispostos a adaptar a escola para que eu possa estudar aqui e isso eu não encontrei em outros lugares”.

Ao final da semana de adaptação, os professores pediram que os alunos escrevessem uma carta de intenção, relatando o porquê eles gostariam de estudar na EFA. Com essas cartas em mãos, foram iniciadas as entrevistas individuais para concluir a etapa de seleção e fazer uma análise, ainda que superficial, do perfil dos alunos, definindo assim quem iria dar continuidade e ter a matrícula deferida.

Durante as entrevistas, os professores procuraram conhecer mais sobre a vida dos jovens, como seus hábitos, restrições alimentares e de saúde, convivência com a família e amigos, suas habilidades e dificuldades nas disciplinas escolares, como tomaram conhecimento da escola, o que os motivou a entrar na EFA, como foi a semana de adaptação e quais dificuldades encontraram, entre outros. Para isso, com participação

do diretor e dos professores, foi elaborado na própria EFA um formulário, com perguntas pré-estabelecidas, para que todas as entrevistas ocorressem igualmente. Todas as informações foram anotadas pelos professores e ao final das entrevistas eles se reuniram para avaliar quais alunos teriam perfil para continuar a estudar na EFA.

Nas entrevistas os alunos tinham a oportunidade de demonstrar seu interesse em estudar na EFA e relatar as experiências vividas durante a semana. Dentre os motivos citados por eles, os que mais chamaram atenção foram esses relatos: "*Aqui a gente aprende para o mundo*", "*Quero colocar os conhecimentos que eu aprender aqui em prática na minha casa*", "*Quero buscar um futuro melhor pra mim*", "*Não gostei no primeiro dia, mas agora eu não quero ir embora por nada*", "*Quero ter uma profissão quando terminar o ensino médio*", "*Quero ter conhecimento técnico para poder colocar em prática na minha casa*". Tais relatos deixam claro a influência que a escola tem na vida desses jovens, uma vez que a maioria afirmou que conheceu a escola através de familiares e conhecidos que já estudaram e recomendaram.

Outros fatores que tiveram influência notória na decisão desses jovens foi o fato de a escola vir se destacando nos resultados com seus alunos egressos. De acordo com o INEP/ENEM 2018, a média geral dos alunos da EFA no ano de 2018 foi de 487,89, onde a média geral do município, considerando a rede particular de ensino, foi de 547,09 e a do país foi de 608,29 (MEC, 2018).

Os casos mais recentes da efetividade do ensino na EFA são de alunos que se formaram em 2019: uma aluna tirou 940 na redação do Enem e conseguiu uma vaga em uma universidade pública, outras duas alunas passaram no vestibular e começaram a cursar engenharia de alimentos no IF de Salinas e outro aluno, neste mesmo ano, que passou em direito com bolsa de 70% em uma universidade de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EFA Nova Esperança foi uma 'aposta' feita pelos moradores da região e que vem dando muito certo, gerando frutos para a região, uma vez que ela possui uma educação diferenciada, utilizando a metodologia da Pedagogia da Alternância, o que torna possível que os jovens estudem, se profissionalizem, levem esses conhecimentos para casa e os apliquem na sua realidade.

Observou-se que os quatro pilares da Pedagogia da Alternância (Associação Local, Alternância, Formação Integral e Desenvolvimento do Meio), juntamente com os demais instrumentos pedagógicos (Plano de Estudos, Colocação em Comum, Caderno de Acompanhamento, Caderno da Realidade, Visita as Famílias, Visita de Estudos, Tutoria...) podem contribuir para o desenvolvimento pessoal dos alunos, de suas famílias e até mesmo o regional, pois forma e capacita jovens para participarem ativamente da vida e discussões de suas famílias e comunidades.

A EFA Nova Esperança também é destaque no que tange a união dos municípios da região do Alto Rio Pardo, pois várias de suas atividades envolvem a participação da comunidade, como por exemplo, a realização de reuniões e oficinas na sede da escola.

É notório na EFA o respeito, amor e envolvimento que todos os servidores de modo geral têm por ela, abdicando muitas vezes de suas vidas pessoais para atuarem como coordenadores do dia, ficando na escola por 24h em período integral, para garantir o bem estar dos alunos e que as regras sejam cumpridas.

A EFA Nova Esperança, assim como as outras EFAs do país, possui uma educação diferenciada e contextualizada, e sem dúvidas acrescenta muito para a sua região, mas principalmente para a vida desses jovens que têm a oportunidade de um ensino médio e profissionalizante de qualidade, coisa que muitos deles não teriam se não fosse a determinação e dedicação dos líderes regionais que se esforçaram tanto para tornar esse sonho uma realidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcia Regina; DI PIERRO, Maria Clara. **A construção de uma política de educação na reforma agrária**. In: ANDRADE, Márcia Regina et AL. (Orgs.) E educação na reforma agrária em perspectiva: uma avaliação do Pronera. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: PRONERA, 2004. P. 19-35.

BEGNAMI, João Batista. **Linha do tempo do Movimento CEFFA na França, Brasil e Minas Gerais**. AMEFA: Belo Horizonte, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 96, p. 1-33, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11 maio 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 14 maio 2020.

BRASIL. Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 18, p. 1-21, 22 nov. 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622. Acesso em: 14 maio 2020.

BRASIL. **Resultados e Resumos**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>. Acesso em: 14 maio 2020.

CALDART, Roseli Salete. A Escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

FERNANDES, Florestan. (1997): **A Força do Argumento**. Org. João Roberto M. Filho, Editora da UFSCar, São Carlos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Gilmar Vieira. **Formação em Pedagogia da Alternância**: um estudo sobre os processos formativos implementados pela AMEFA junto aos monitores das EFAs do Médio Jequitinhonha-MG. 2015. 200 f 264. Dissertação do Mestrado Profissional em Educação do Campo, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-BA, 2015.

FREITAS, Gilmar Vieira; SANTOS, Idalino Firmino dos. **Juventude das Escolas Família Agrícola de Minas Gerais**: desafios e possibilidades na perspectiva da inserção profissional. In: LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. (Orgs.). **Juventudes do campo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Org.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo, 3ed. Cortez, 2012.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, Vozes, 2007.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=264529>. Acesso em: 10 jan. 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **O Perfil da Agroindústria Rural no Brasil**. Uma análise com base nos dados do Censo Agropecuário 2006. Brasília, 2013.

JESUS, Janinha G. de. **Formação dos professores na Pedagogia da Alternância**: saberes e fazes do campo. Vitória: GM, 2011.

MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (**Inep**). Inep disponibiliza as Sinopses Estatísticas do Enem 2018. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-disponibiliza-as-sinopses-estatisticas-do-enem-2018/21206. Acesso em 14 de maio de 2020.

MUSIAL, Gilvanice Barbosa da Silva. **A emergência da escola rural em Minas Gerais (1892-1899)**: quando a distinção possibilita a exclusão. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2011.

PASSADOR, Cláudia Souza. **A educação rural no Brasil**: o caso da escola do campo do Paraná. São Paulo: Annablume, 2006.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas2.shtml>. Acesso em: 29 jan. 2021.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil**: ensino médio e educação profissional. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2004.

QUEIROZ, João Batista Pereira de; SILVA, Lourdes Helena de. **Formação em Alternância e desenvolvimento rural no Brasil**: as contribuições das Escolas Famílias Agrícolas. Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER), Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov. 2007 - SPER / UAlg, **Atas eletrônicas...** Faro (Portugal): UAlg 2008, CD-ROM.

SANTOS, Fernanda Ferreira dos. **O projeto político pedagógico da Escola Família Agrícola do Alto Rio Pardo Norte de Minas Gerais**: um projeto de educação em disputa. (Dissertação) Mestrado profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Amargosa, 2017.

SOUZA, Erika Fernanda Pereira de. Escola família agrícola e reprodução social camponesa: **Construindo caminhos de resistência**. 2019. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

TEDESCO, J. C., SEMINOTTI, J. J., and rocha, h. j., ed. **Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil**: questões contemporâneas. Chapecó: Editora UFFS, 2018, 422p.

UNEFAB. **Revista da Formação por Alternância**. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. n. 4. jul. 2007.

UNEFAB. **União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil**. Educação do Campo. Revista da Formação por Alternância, Brasília, n.11, 2011.

VIEIRA, Aremita Aparecida. **Olhares Agroecológicos**: Análise econômico-ecológica de agroecossistemas em sete territórios brasileiros. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ, 2017. 194 p. Disponível em: https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2017/06/livro_OLHARES-AGROECOLOGICOS_web.pdf. Acesso em: 11 maio 2020.

WEFFORT, Francisco C. **Educação e Política**: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade. In:FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

Data da submissão:15/09/2020.

Data da aprovação: 04/02/2021.